

Como chegar ao futuro – parte I

Desde que nascemos ouvimos a expressão “o Brasil é o país do futuro”. A idéia era então percebida como positiva e nos provocava certo entusiasmo apesar de sempre ter havido certo ceticismo. As frases do hino “...deitado eternamente em berço esplendido ...e ... gigante pela própria natureza...” lhes faziam companhia e, ao menos a segunda parte ainda nos é cara.

Hoje essa idéia é simplesmente jocosa: ninguém mais ousaria dizê-la em público. O que não afastou, todavia, um resquício de crença na mesma. Idéia semelhante é hoje dita de outra forma, tipo: “o Brasil tem como crescer, e irá crescer”. Convenhamos, não é exatamente a mesma coisa: lhe falta o destino atávico da primeira forma, e algo mais...

Não obstante, a idéia reaparece com freqüência, e de fontes, e através de expressões, mais `sérias`, especialmente de personalidades estrangeiras. A última que vi foi numa entrevista à revista Veja. Disse ele: “o Brasil será um país importante para o mundo no futuro”. Mas não se explicou.

O que o faz pensar assim? Refletindo sobre isto, a primeira conclusão a que se deve chegar é que o Brasil não é hoje um país importante para o mundo. De fato, temos que admitir que não é. Com as exceções que confirmam a regra o Brasil não afeta ou interessa o mundo de forma especial.

Claro, um imaginário favorável sobre o Brasil e a vida que se leva aqui (ou que pensam que levamos) permanece atraindo a atenção de estrangeiros, comuns e ilustres. Mas isto jamais foi expresso para além do bucólico ou do festivo. Talvez seja devido às dificuldades que enfrentam por lá, e que por aqui não existem de forma tão intensa, como as questões raciais, religiosas, o relacionamento inter-pessoal, a rigidez social, as limitações ambientais...De fato, não seria pouco...

Agora vejamos: se pensarmos sobre a idéia de que o Brasil será um país importante para o mundo num futuro próximo não de forma vazia, ou passiva, mas sim na forma de um PROJETO, a que chegaremos? Seria realista? Quais fatores deveríamos considerar num tal projeto?

Pessoalmente penso que é um desafio não marketeiro ou irrealista, ou seja, me parece que há como expressar o projeto de forma realista. Leia abaixo.

Para pensar isto, a principal questão, antes nebulosa ou não planejável, agora está posta com todas as letras: o futuro do mundo pertence ao desafio ambiental.

No dia 2 de fevereiro a ONU divulgou um estudo de abrangência mundial sobre o meio ambiente que desfaz qualquer ilusão ainda existente sobre a possibilidade de o mundo continuar a desenvolver-se com o formato atual. Não me estenderei sobre isto (leia...), mas alguém já se perguntou quantas pessoas terão que morrer para que o petróleo custe U\$ 400? (previsão de especialistas para 10 a 15 anos).

Lembrete: a ciência e a tecnologia no Brasil podem não ser muito amplas (afinal, a base de pessoas educadas ainda é um tanto estreita), mas possuem qualidade e intensidade considerável, suficiente, me parece, para encarar o desafio ambiental. Muitos projetos científicos e sócio-ambientais interessantes e de futuro ora estão sendo desenvolvidos em muitas áreas no Brasil. Porém lhes falta algo. Nada há que indique que sua somatória nos levará a ser um país importante para o mundo num futuro próximo (veja o Brasil de hoje com os olhos de 20 anos atrás...). E não há uma atitude clara do Brasil sobre o desafio ambiental.

O leitor já terá imaginado onde quero chegar. E sabe que minha colocação aqui é apenas, e totalmente, prática, econômica e, mesmo, oportunista: não estamos falando de ideologias ou ecologismos. Afinal, o Planeta estará de novo maravilhoso em uns poucos milhões de anos após o termos abalado e, isto sim nos interessa, nos termos destruído como espécie humana!

Sim, se o Brasil se orientar pelas necessidades que futuro nos coloca – focadas na questão ambiental – e prospectar as tecnologias e as práticas sócio-econômico-ambientais que serão

imperiosas nesse futuro, ou seja, criar este Caminho e priorizar seus recursos e sua inteligência neste Caminho, então estaremos construindo algo que os outros países ainda NÃO estão construindo, e poderemos vir a ser um país importante para o mundo.

Sabemos que não seria fácil. Um exemplo simples: a todo momento a imprensa nos ufaniza com os 100 milhões de linhas celulares que os brasileiros possuem. Mas já pensaram em quantos milhões de aparelhos perfeitamente funcionais estão agora no lixo? Se o governo estabelecesse uma regra (qualquer regra) para conter este desperdício, que reação haveria? E se o governo dissesse que em 5 anos somente permitirá a fabricação de geladeiras, ferros de passar e outras utilidades que tiverem 25% mais eficiência energética (sabidamente possível)? Como seria a competitividade mundial se outros países não fizerem o mesmo? Se tivermos desenvolvido tais produtos, altamente desejáveis pelo desafio ambiental, mas talvez mais caros de início, os mercados mundiais pagariam por eles?

Sabemos também que um dos principais problemas é o da energia. A poluição que os combustíveis fósseis geram, o fato de não ser renovável, etc. Mas não importa se a energia que ora consumimos é renovável ou não, o que importa é se haverá energia no futuro para mantermos nosso modelo de vida, ou algo minimamente sustentável e civilizado.

Sabemos também que nossa atenção é constantemente desviada (em grande parte pela imprensa) para projetos não factíveis. Um exemplo que está na moda, é o super robô mecatrônico (tipo Honda) que sabemos que jamais existirá, exatamente pela mesma razão pela qual jamais existirá um vídeo cassete de 3ª geração ("Oh Lord, please don't let me be misunderstood!").

Penso que o problema não é solúvel. Ao menos não o problema moral. Mas em 50 anos a questão moral será vista com outros olhos. O que será visto com os mesmos olhos é se nossa geração terá ou não inviabilizado as próximas gerações, e tornado a vida de nosso bisnetos (netos, filhos?) insuportavelmente pobre e conflituosa (você suportará ver isto, ainda que já velho?). Como nos ensinou o grande escritor italiano Ítalo Calvino, ainda em 1985: *iremos ao encontro do próximo milênio sem esperar nele encontrar nada além do que fomos capazes de levar-lhe`.*

Pergunta 1: porque os países mais adiantados ainda não estão construindo este Caminho, a despeito de sua comunidade científica estar melhor preparada do que a nossa para compreender e para atuar sobre o desafio ambiental? A resposta é simples: exatamente porque são mais desenvolvidos e os interesses reais prevaletentes são muito lentos e conservadores em dar novas respostas, ou melhor, de se colocarem novas perguntas (vide a posição dos Estados Unidos sobre o Protocolo de Kioto).

Pergunta 2: porque o Brasil tem condições de se destacar neste desafio? A resposta não é tão simples e tentarei abordá-la na segunda parte deste artigo. Mas adianto o seguinte: a) temos o laboratório: o Brasil é imenso, e os avanços na área ambiental podem ser testados facilmente e a disposição da população é favorável (*); b) temos o problema: a degradação ambiental no Brasil já assumiu proporções alarmantes; c) temos a tecnologia: o Brasil tem bom potencial em muitas das áreas necessárias e se souber atrair parcerias de outros centros avançados do mundo terá o portfólio.

(*) - a questão é complexa. Mas lembre-se que questões complexas só têm respostas simples. Por exemplo: quantos de nós não gostaríamos de ganhar dinheiro com madeira. Um produto cada vez mais valioso para o mundo (a Noruega vive dele!), mas que hoje dá dinheiro a uns poucos, na maioria provavelmente ilegais. Você não investiria, digamos, uns R\$ 100 por mês para que em 15 ou 20 anos você e seu filho tivessem um bom patrimôniozinho em madeira certificada? Por que isto não seria melhor que uma caderneta de poupança? Porque investir em soja ou em boi seria melhor? Faça as contas! A caderneta de poupança, a soja ou o boi têm suas rentabilidades baseadas em uma grande oferta de recursos abundantes e convencionais e não poderia, sob uma adequada regulação, valer mais do que a madeira, não é? Claro, comprar ações de uma empresa madeireira pode não ser o melhor caminho neste momento (não há credibilidade). Mas assim como os recursos minerais do subsolo, e a própria água, pela lei não pertencem ao dono do solo, porque, em face às novas necessidades do mundo, a madeira não poderia ser regulada de forma semelhante?

Pergunta 3: porque este Caminho pode ser bom para o futuro do Brasil no mundo? Resposta simples: você vê alguma outra estratégia tão promissora? E mesmo necessária? Claro que a relevância de um país não está numa única indústria ou especialização, principalmente num país grande. Mas lembre-se: TODO o futuro próximo do planeta, e dos mercados mundiais, estará CONDICIONADO pelo desafio ambiental! A alternativa é a guerra, e talvez extinção. Ou não é? Portanto, não se trata mais de encarar o desafio ambiental como um entrave, ou algo que deva ser `administrado`: se o futuro do mundo está condicionado por este desafio, então trata-se de anteciparmos o que virá, e encará-lo como oportunidade e inexorabilidade. Ou o bonde da história será perdido outra vez, talvez pela ultima vez.

Pergunta 4: temos o nível de consciência política requerido para nos colocarmos a pergunta e o desafio aqui exposto? Podemos estabelecer este Caminho como meta? Poderemos vir a ser um país importante para o mundo? Esta pergunta deixo para a reflexão do leitor.

Aos mais puros, idealistas ou românticos, como os meus, e muitos dos seus filhos, o são, digo que um tal Caminho poderá dar sentido as suas vidas, sejam advogados, engenheiros, roqueiros...Tudo o que acompanhará esta transformação lhes fará sentido. Mas devo, não obstante, alertar: a dureza do Mundo assim permanecerá.

Brasília, 5 de fevereiro de 2007

Rogério A S P Vianna

Engenheiro, mestre em ciência da computação, funcionário público do MCT em TI há 29 anos.